



7 • Correio Braziliense — Brasília, terça-feira, 21 de abril de 2026

Bolsas	Pontuação B3
Na segunda-feira	IBovespa nos últimos dias
0,2% São Paulo	197.738
0,01% Nova York	196.132
	15/4 16/4 17/4 20/4

Dólar	Salário mínimo
Na segunda-feira	Últimos
R\$ 4,974 (-0,18%)	R\$ 1.621
14/abril 4,993	
15/abril 4,992	
16/abril 4,992	
17/abril 4,983	

Euro	CDI	CDB	Inflação
Comercial, venda na segunda-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
R\$ 5,862	14,65%	14,50%	Novembro/2025 0,18
			Dezembro/2025 0,33
			Janeiro/2026 0,33
			Fevereiro/2026 0,70
			Março/2026 0,88

MINERAÇÃO

Empresa dos EUA compra Serra Velha

Operação de US\$ 2,8 bilhões permite a exploração de terras raras em mina de Goiás, que deixará parceria com a China

» VINICIUS DORIA
» VANILSON OLIVEIRA

Chineses fora

A mineradora USA Rare Earth anunciou, ontem, que fechou um acordo definitivo para comprar 100% do grupo brasileiro Serra Verde, dono da única planta comercialmente ativa de mineração e beneficiamento de terras raras pesadas críticas (ETRPs, na sigla em inglês) fora da Ásia. A mina Pela Ema, na cidade goiana de Minaçu (a 250km de Brasília), extrai em larga escala as quatro ETRPs de mais alto valor para as indústrias de tecnologia e energia: disprósio (Dy), térbio (Tb), praseodímio (Pr) e neodímio (Nd).

Esses quatro metais são essenciais para a produção de ímãs permanentes usados em veículos elétricos, turbinas eólicas, robótica, drones e aparelhos de ar-condicionado de alta eficiência, além de aplicações tecnológicas avançadas nos setores de semicondutores, defesa, nuclear, aeroespacial e outros segmentos estratégicos.

A compra da Serra Verde está estimada em US\$ 2,8 bilhões. Segundo a USA Rare Earth, a operação de aquisição será paga com US\$ 300 milhões em dinheiro mais a emissão de 126,849 milhões de ações da mineradora americana. O acordo também assegura preços mínimos e a compra de toda a produção por 15 anos, o que reduz o risco dos investimentos diante de oscilações das cotações internacionais. A aquisição deve ser concluída no terceiro trimestre deste ano e dará, aos novos controladores, condições de verticalizar a operação na América Latina — “da mina ao ímã” — e reduzir a dependência do fornecimento da China.

“As operações de mineração e processamento da Serra Verde terão um papel central no estabelecimento da primeira cadeia de suprimentos de terras raras da mina ao ímã fora da Ásia”, informou a mineradora brasileira, em comunicado público. O diretor de Operações do Grupo Serra Verde, Ricardo Grossi, avia que o acordo tem importância estratégica e reforça o Brasil como potência do setor de minerais críticos.

“Esses marcos são um ponto positivo significativo para o Brasil e demonstram a capacidade do país de desempenhar um papel de liderança no desenvolvimento das cadeias globais de suprimentos de terras raras”, disse Grossi.

A operação foi bem recebida por investidores internacionais. Ontem, as ações da USA Rare Earth registraram alta de 13% na Nasdaq, a Bolsa de Valores do setor de Tecnologia dos Estados Unidos.

A conclusão das negociações entre a mineradora brasileira e a USA Rare Earth era esperada pelo mercado desde que o CEO do Grupo Serra Verde, Thras Moraitis — que assumirá a presidência da empresa resultante da aquisição — informou, no fim do ano passado, que deixaria de fornecer os metais críticos a clientes chineses a partir do fim deste ano. A antecipação do encerramento dos contratos de suprimento — que tinham duração de 10 anos — foi anunciada pela própria empresa brasileira, em dezembro do ano passado, abrindo caminho para novos acordos comerciais. Desde o início das operações da mina Pela Ema, em 2024, quase toda produção da planta da Serra Verde é destinada a compradores da China.

Em fevereiro deste ano, o governo dos Estados Unidos aprovou um financiamento de US\$ 565 milhões à Serra Verde, por meio da Cooperação Financeira dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (DFC). Uma parte desse dinheiro será usada para aumentar a produção em Minaçu, que deve chegar, em 2027, a 6,5 toneladas anuais — metade da oferta disponível de terras raras pesadas fora da China.

Parcerias

A operação integra a política da Casa Branca de criar uma cadeia global confiável de fornecimento de terras raras para reduzir a dependência da produção da China, que detém 70% das reservas globais e mais de 90% do beneficiamento desses minerais críticos.

As terras raras também são item estratégico na pauta de negociações do governo brasileiro com a Casa Branca em relação a tarifas e acordos comerciais. Detentor da segunda maior reserva global desses metais, o Brasil usa essa posição como trunfo nas negociações, que ainda estão em curso, acenando com a possibilidade de abrir ainda mais o mercado nacional para investidores dos Estados Unidos.

Elas também estão na mira de governos e investidores europeus.

Ontem, Brasil e Alemanha assinaram, em Hannover, uma declaração conjunta de intenções para ampliar a cooperação científica e tecnológica na área de minerais críticos e estratégicos.

O governo já havia assinado outro acordo, na sexta-feira, com a Espanha, para desenvolvimento, mineração, refino, gestão ambiental, uso de tecnologias digitais e troca de conhecimentos na área de terras raras.

Divulgação/Serra Verde



A mina goiana, que hoje tem parceria chinesa, extrai em larga escala quatro terras raras de mais alto valor para as indústrias de tecnologia e energia



Esses marcos são um ponto positivo significativo para o Brasil e demonstram a capacidade do país de desempenhar um papel de liderança no desenvolvimento das cadeias globais de suprimentos de terras raras”

Ricardo Grossi, diretor de Operações do Grupo Serra Verde

Projetos avançam na Câmara

A partir desta semana, a Câmara dos Deputados passa a discutir uma série de propostas voltadas para terras raras. Amanhã será votado o Projeto de Lei 2.780/2024, que institui a Política Nacional de Minerais Críticos e Estratégicos (PNMCE) e cria o Comitê de Minerais Críticos e Estratégicos (CMCE), vinculado ao Conselho Nacional de Política Mineral. O projeto é de autoria do deputado federal, Zé Silva (Solidariedade-MG).

No último dia 10, a bancada do PT protocolou o Projeto de Lei (PL) 1754/2026, que cria a Empresa Brasileira de Mineração de Terras Raras (Terrabras), uma empresa pública, responsável pela pesquisa e exploração de minerais estratégicos e institui o regime de partilha, com pelo menos 50% da produção destinada à empresa.

A proposta prevê que a União passe a ser sócia direta da exploração, recebendo parte da produção dos minerais extraídos, com participação nos lucros que podem

variarem entre 10% e 80%. O projeto adota o regime de partilha da produção mineral nos moldes do pré-sal, ampliando a participação do Estado no setor. Outro ponto do texto é que a TerraBras passaria a ser vinculada ao Ministério de Minas e Energia (MME), substituindo a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM).

Em um cenário de disputa global por recursos estratégicos, o texto impõe regras para impedir que os insumos cheguem em mãos erradas, que sejam destinadas para fabricação de material bélico, por exemplo, ou qualquer atividade de defesa contrária à soberania nacional.

Ao defender a matéria, o líder da bancada na Câmara, deputado Pedro Uczai (PT-SC), disse que o PL vai contribuir para a geração de empregos. A bancada defende ainda, a defesa dos minérios e da soberania do país, principalmente depois das declarações do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), que, durante sua participação, no mês

passado, na Conservative Political Action Conference (CPAC), declarou que o Brasil é “a solução para os Estados Unidos quebrar a dependência da China por minerais críticos, especialmente terras raras”. Na ocasião, ele chegou a afirmar que, sem as terras raras o mundo fica vulnerável. “Quando os Estados Unidos ficam vulneráveis, todo o mundo livre fica vulnerável.

Quem também apresentou um projeto foi o deputado federal Rodrigo Rollemberg (PSB-DF). A criação da estatal Terra Raras Brasileiras S.A. (Terrabras) visa fomentar pesquisa, exploração, beneficiamento, industrialização e comercialização de terras raras, minerais estratégicos e minerais críticos. O projeto prevê a criação de polos industriais para reduzir a dependência externa, assim como potencializar a produção. O diferencial deste PL para o do PT está, principalmente, no que diz respeito à participação nos lucros da União. O projeto de Rollemberg não especifica porcentagem.

Apple/Reprodução



Saída de Cook, CEO da empresa por 13 anos, foi aprovada por unanimidade

TECNOLOGIA

Tim Cook deixará comando da Apple

A Apple anunciou que Tim Cook vai deixar o cargo de CEO para se tornar presidente do Conselho de Administração da Apple. O atual vice-presidente sênior de Engenharia de Hardware, John Ternus, vai assumir como presidente executivo da empresa a partir de 1º de setembro de 2026.

A mudança foi aprovada por unanimidade pelo Conselho de Administração da Apple, segundo

comunicado publicado no site da empresa. Cook e Ternus irão trabalhar juntos durante o verão no hemisfério norte para garantir uma “transição tranquila”. Como presidente do Conselho, Cook vai continuar atuando em “certos aspectos da empresa, incluindo o engajamento com formuladores de políticas em todo o mundo”, afirma, ainda, o texto.

Atuando na Apple desde 1998,

Tim Cook passou a ocupar o cargo de CEO em 2011. Durante esse período, Cook supervisionou o lançamento de diversos produtos, como o Apple Watch e os AirPods, além de serviços como o iCloud e Apple TV. Ainda de acordo com informações divulgadas pela empresa, Cook quase quadruplicou a receita anual da Apple, de US\$ 108 bilhões em 2011 para mais de US\$ 416 bilhões em 2025, além de liderar um

aumento de mais de 1.000% na capitalização de mercado, de US\$ 350 bilhões para US\$ 4 trilhões.

Já John Ternus ingressou na empresa em 2001, se tornando vice-presidente de engenharia de hardware em 2013. Segundo o comunicado, o trabalho de Ternus foi fundamental na introdução de diversas novas linhas de produtos como iPhones, iPads, MacBooks e AirPods.